



Revista Historiar
ISSN: 2176-3267
Vol. 11 | Nº. 21 | jul./dez. de 2019

Bruno César Pereira

Universidade do Centro-Oeste do Paraná / UNICENTRO.
bruno_o8cesar@outlook.com

Jaqueline Kotlinski

Universidade do Centro-Oeste do Paraná / UNICENTRO.
jaquekotlinski2015@gmail.com

Oseias de Oliveira

Universidade do Centro-Oeste do Paraná / UNICENTRO.
oseias50@yahoo.com

AS “GUERRAS DO PARAGUAI”: das ideologias nacionalistas aos estudos contemporâneos.

RESUMO

A chamada Guerra do Paraguai pode ser considerada um dos temas clássicos da historiografia brasileira. Muitos foram os textos publicados sobre tal tema, seja ao longo do final do século XIX até os dias atuais. O presente trabalho se propõe apresentar as principais perspectivas de intelectuais e historiadores a respeito desta guerra, evidenciando que tais escritos estiveram diretamente ligados ao tempo histórico de seus autores.

Palavras-chave: Grande Guerra. Historiografia. Visões da Guerra.

THE “WARS OF PARAGUAY”: from nationalist ideologies to contemporary studies.

ABSTRACT

The so-called War of Paraguay, can be considered one of the classic themes of Brazilian historiography, many were the texts published on this subject, or throughout the late nineteenth century to the present day. The present work proposes to present the main visions of intellectuals and historians about this war, evidencing that such writings were directly related to the historical time of their authors.

Keywords: Great War. Historiography. Visions of War.

Introdução

Desde o final do confronto bélico conhecido como Guerra do Paraguai observa-se um enorme acervo bibliográfico e iconográfico que destacou as principais características deste marco histórico na América Latina oitocentista. Sobretudo, no último século uma série de intelectuais e historiadores (as) se debruçaram sobre este tema e publicaram diversos estudos (livros, artigos, ensaios, dissertações e teses). A partir de tais investigações, observamos as mais variadas problemáticas sobre este confronto, sejam aquelas que destacam as questões políticas, econômicas, sociais ou ideológicas.

As narrativas acerca da Guerra do Paraguai variaram seus enfoques. Inicialmente, observamos narrativas voltadas diretamente a uma certa ideologia nacionalista do Império que compreendia este acontecimento como uma guerra cometida pelo Paraguai, pelas suas atitudes, pelas suas ambições, tal perspectiva, um tanto quanto ideológica, desenvolvida durante e no pós-guerra, em certa medida, ainda permeia os tempos atuais. Ainda sobre este primeiro momento, destacam-se obras, para além daquelas elaboradas por intelectuais, uma série de produções iconográficas que acabaram por contribuir significativamente para com um imaginário acerca da Guerra. Sobre este último ponto, destacamos, por exemplo, as obras: *Batalha do Avaí* de Pedro Américo e *Combate Naval do Riachuelo* de Victor Meireles¹, celebrados nomes da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA) do período.

Todavia, estas abordagens tomariam discursos diferentes no início da República, onde pode ser observado uma disputa intelectual acerca deste fato histórico. Os intelectuais republicanos, passariam a destacar uma série de heróis deste confronto, sobretudo, tais heróis correspondiam: aos generais e comandantes, em suma, os oficiais de alta patente envolvidos no confronto.

Estas variações de abordagem sobre a Guerra do Paraguai iriam continuar ao longo de todo século XX. A historiografia brasileira, no último quartel dos novecentos, traria para o debate novos sujeitos, destacando assim novos personagens nesta guerra, seja eles: o negro e o indígena, além de desmistificar os motivos da guerra.

¹ Tais obras são atualmente classificadas com o gênero de pinturas históricas. Tal gênero cristaliza no imaginário social alguns dos principais fatos históricos, políticos, da nação brasileira. Como bem observa Isis Pimentel de Castro (2005), estas pinturas do gênero histórico, cristalizaram no imaginário social, através de sua reprodução – seja em livros, novelas, materiais didáticos, filmes etc. – ganhando um status privilegiado de ‘representar’ uma memória coletiva nacional. Ver melhor em: CASTRO, 2015, p. 335-352.

Devemos compreender, que as produções historiográficas e de outros intelectuais a respeito da Guerra do Paraguai estão diretamente ligadas ao tempo histórico de seus autores. Em outras palavras, tais produções, ao longo do final do XIX até os tempos atuais, propenderam conforme o contexto de suas publicações. No caso das obras historiográficas, destacamos ainda, que os autores voltaram seus olhares e definiram suas abordagens a partir das correntes historiográficas as quais seguiam.

Segundo André Mendes Salles (2015), podemos compreender quatro correntes que discutem acerca deste marco histórico. São elas:

[...] a versão que se deu logo após a guerra, versão está propagada pelo exército brasileiro [...]; a historiografia propagada pelos positivistas ortodoxos; o revisionismo das décadas de 1960/70/80, [...]; e a corrente interpretativa chamada por alguns estudiosos de neo-revisionismo [...] (SALLES, 2015, p. 29).

O presente estudo tem por objetivo central realizar uma breve análise a respeito da Guerra do Paraguai, destacando as principais características das correntes intelectuais e historiográficas acerca desta guerra. Observaremos ao longo desta investigação, que cada uma destas correntes esteve ligada diretamente aos seus respectivos tempos históricos, suas preocupações, em síntese, destacaram fatos e construíram discursos e representações do que foi tal acontecimento, a partir das realidades e vivências de seus autores.

Assim, ao nos propormos analisar este acontecimento, buscaremos evidenciar os discursos construídos por traz de tal fato, onde os autores, sejam intelectuais ou historiadores se voltam a este acontecimento e destacam diferentes personagens.

O pós-guerra: as narrativas a serviço do Império

Ao longo de pouco mais de 150 anos, chegava ao fim um dos episódios mais marcantes da história da América Latina, a Grande Guerra, ou Guerra do Paraguai, como é mais conhecida popularmente no Brasil. Em um século e meio, inúmeras foram as publicações sobre várias perspectivas que debruçavam seu olhar acerca de tal guerra.

As primeiras produções sobre este fato histórico, já apareceriam no pós-guerra, em especial, estas publicações eram narrativas memorialistas de generais e intelectuais do império. Uma característica marcante acerca de tais produções, foi que elas estavam diretamente ligadas às ideologias nacionalistas do Império, em especial, este momento como bem propõe Fernando Doratioto:

[...] a Guerra do Paraguai representou o apogeu do poder do Estado Monárquico. Demonstra-o a capacidade de organizar um exército moderno, em lugar da pequena força mal armada de 16.000 homens existentes em 1864, e uma nova Marinha, capacitada a combater em ambiente fluvial. Apesar da oposição interna à guerra e das pressões externas contrárias ao lado aliado, o Estado Monárquico sobrepunha-as e conseguiu sustentar a guerra em teatro de operações longe do território brasileiro, quer dizer, distante de bases logísticas seguras, e em ambiente humano e geográfico hostil (DORATIOTO, 2008, p. 3).

De fato, a guerra não contribuiu apenas para o fortalecimento monárquico, mas também para a ascensão de uma nova classe no meio social brasileiro, uma classe a parte, os militares. Mas é claro que não foram todos os militares que ganharam o prestígio da guerra, mas sim o Estado Maior do exército (marechais, generais, comandantes, capitães etc.).

As narrativas acerca da guerra neste período, como bem observa Salles, estiveram voltadas a exaltação de confrontos e construção de heróis. Em suma, estas narrativas como propõe o autor possuem características como: memorialísticas e patrióticas, de soldados e outros profissionais, como jornalistas e pintores², os quais vivenciaram o confronto (SALLES, 2015, p. 30).

Entre as principais características destas narrativas a respeito do confronto, podemos observar que tais autores deste momento, se preocuparam em legitimar os porquês do conflito. Segundo André Mendes Salles:

Nessas narrativas prevaleceu, via de regra, uma interpretação que apontava para o governo paraguaio como o causador da guerra, o responsável pelo conflito, pois, segundo esta visão, foi esse governo que invadiu/agrediu o Império do Brasil. Essa forma hegemônica de interpretação, que ganhou espaço no final do período imperial e perdurou por boa parte do período republicano, tendia a personificar a guerra na figura do presidente do Paraguai, Francisco Solano López (SALLES, 2015, p. 30-31).

Seguindo ainda a perspectiva deste autor, estas narrativas a respeito da guerra viram seus holofotes a um sujeito, ou seja, ao “ditador paraguaio” ignorando a população paraguaia, ou qualquer outro sujeito histórico, participante deste confronto (SALLES, 2015, p. 31). A visão sobre a guerra, transmitida por estas narrativas, emite uma compreensão de civilização, representada na figura do império brasileiro, em contraponto a de barbárie, transmitida pela forma como López conduzia a nação paraguaia. Se justifica o confronto a partir da compreensão de ‘livrar os paraguaios do sanguinário ditador’.

² A estes últimos, inúmeras obras de arte, sejam desenhos ou pinturas, destacamos as célebres obras – encomendadas pelo governo imperial – dos artistas brasileiros Victor Meireles e Pedro Américo, pintores a serviço direto do império, através da Academia Imperial de Belas Artes – Ver melhor em: PEREIRA; GILLIES, 2017, p 1-17.

Entretanto as narrativas publicadas ao longo deste período, em sua maioria, estavam diretamente ligadas às ideologias nacionalistas do período. Um dos grandes veículos de difusão, ou melhor, da legitimação da guerra e de sua importância, atentando para as questões que se voltavam a dualidade da civilização versus barbárie, destacamos o papel da imprensa. (ARIAS NETO, 2016, p. 251-273)³.

A exemplo, Gabriel Ignacio Garcia e Edméia Ribeiro (2016) ao analisarem o periódico *Paraguay Illustrado*⁴, que continha textos e caricaturas acerca da guerra e que circulou ao longo de alguns meses na capital do Império no ano de 1865. Segundo os autores, tal documento continha de forma explícita um forte

engajamento político, onde é importante destacar o seu forte caráter nacionalista defendendo uma suposta missão civilizadora desempenhada pelo Brasil no conflito. Contrapondo a essa visão idealizada da ação brasileira, observa-se uma visão deturpada do povo paraguaio e seu presidente Solano López, ambos atacados ferozmente tanto nas caricaturas como nos textos (GARCIA; RIBEIRO, 2016, p. 78).

Estes discursos, como bem observa os autores supracitados, desenvolvia uma visão da guerra que se manteria até o final do confronto. Segundo Salles, se a Guerra do Paraguai foi em seu início um dos pontos altos da monarquia brasileira, por outro, ela também teria sido um dos grandes motivos de sua queda.

Se a Guerra do Paraguai constitui o apogeu do poder do Estado Imperial, também prenuncia o início de sua decadência, quer por ampliar tensões internas na estrutura sócio-política, quer por emergir do conflito um exército no qual parte da oficialidade transferiu sua lealdade da figura do Imperador, personificação do Estado Monárquico, para a Nação (SALLES, 2015, p. 32).

As novas narrativas com relação a guerra na república tomariam um novo rumo, em especial por meio dos jornais da época. Inúmeras críticas foram colocadas com relação a atuação do Império. A autora Paula da Silva Ramos (2013) evidencia que o pós-guerra é marcado pelo grande montante de periódicos abertos ao longo do período. Segundo ela, a maioria destes possui grande influência política, em especial do

³ O historiador José Miguel Arias Neto, entre suas principais pesquisas, destaca o papel da imprensa brasileira ao longo dos anos que se seguiram a guerra do Paraguai. O historiador a observa, nos escritos deste período, como um “soldado” do exército brasileiro, devido a sua grande contribuição na busca de legitimação da guerra. Ver melhor em: ARIAS NETO, 2015; 2016.

⁴ Este periódico circulou entre os meses de julho e outubro de 1865 na cidade do Rio de Janeiro, Capital e centro político do Império. Atualmente estas fontes se encontram disponíveis *online* em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=760005&pasta=ano%20186&pesq> (ILLUSTRADO, 1865; In: GARCIA; RIBEIRO, 2016).

movimento republicano. Segundo Ramos, estes inúmeros jornais, abertos em diferentes províncias, foram cruciais para “a queda do império” (RAMOS, 2013, p. 32).

Para florescer os ideais republicanos... mate o Império

Com a mudança de status político brasileiro, de império à república, uma nova visão acerca da guerra passa a vigorar. Uma visão um tanto contraditória, se bem lembrarmos a primeira fase da república brasileira é administrada por militares, em especial, os mesmos que teriam participado de tal acontecimento e receberam inúmeras condecorações por seus ‘feitos’ em tal confronto.

Segundo Doratioto (2008), os intelectuais deste momento, possuíam um certo

embasamento ideológico positivista [...], coerentes com seu caráter pacifista, condenaram a Guerra do Paraguai. Eles também atuaram, assim como outros aderentes da República, com a finalidade de justificar a nova realidade política brasileira e uma forma de fazê-lo era criticando homens e acontecimentos da história do Brasil Monárquico, inclusive o conflito com o Paraguai. Por temerem uma restauração monárquica voltaram-se principalmente contra Pedro II, que tinha sido uma figura popular, e mesmo após sua morte, em dezembro de 1891, esse temor persistiu por algum tempo (DORATIOTO, 2008, p. 4).

Como bem nos apresenta o autor supracitado, o período que corresponde os primeiros anos da república é um tanto ambíguo, em se tratando da guerra. Se por um lado estes intelectuais condenam a figura do imperador brasileiro, por outro, louvam os militares aos quais participaram da guerra e deram a soberania ao Brasil, as análises de Doratioto são complementadas por Salles ao observar que, nesta nova corrente, as produções sobre a Guerra: “buscaram questionar os feitos do Império, pondo em xeque toda a política imperial. Nesse sentido, teceram profundas críticas em relação à atuação do Brasil na Guerra do Paraguai” (SALLES, 2015, p. 31).

Podemos observar uma inversão de protagonistas, ao se tratar da guerra no início da república brasileira. De um discurso voltado às ideologias nacionalistas do império, substituiu-se por visões a respeito dos feitos e contribuições dos militares que estavam no comando da nação. O que podemos evidenciar ainda, a respeito destas publicações, são as exclusões da grande massa, seja em sua participação na guerra, assim como, na Proclamação da República (LESSA, 2008, p. 252).

Os anos finais do século XIX e início do século XX são marcados por produções voltadas a ‘matar’ o império, produzidas pelos republicanos, bem como ainda algumas obras mantinham os discursos de apoio ao regime passado. Segundo Salles, este período também é marcado pela construção de uma História nacional, a qual, na

perspectiva do autor, cristalizaria uma visão sobre a guerra que estaria pautada nas obras e visões memorialistas e patrióticas (SALLES, 2015, p. 32).

As principais obras que abordariam os aspectos da guerra, ao longo de toda primeira metade do século XX, estiveram voltadas as narrativas produzidas ao longo do pós-guerra, ou seja, as principais fontes para história foram tais narrativas. Este longo período de publicações sobre a guerra cristalizou no imaginário social algumas características, como os motivos do confronto e o enaltecimento do exército.

Entre as principais formas de divulgação desta carga de características destacamos os livros didáticos. Estes foram responsáveis por reproduzir uma visão da guerra, pautada em aspectos memorialísticos e patrióticos. Podemos compreender que as obras didáticas, produzidas ao longo da primeira metade dos noventa, pautaram-se em narrar o acontecimento, enaltecendo os grandes nomes da guerra, ou seja os generais e comandantes, assim como enumerar os motivos do confronto, como a visão sobre Solano López, a invasão paraguaia a territórios brasileiros etc.; na perspectiva de uma história tradicional, pautadas em fatos, datas e “grandes” nomes.

Em especial se tratando do ensino de história neste período, a grande maioria das obras produzidas dos anos iniciais da república, até meados das décadas de 1950, eram produzidos em sua maioria, por intelectuais e professores ligados ao Colégio D. Pedro II. A grande maioria destas obras, seguiam modelos de uma história um tanto ‘tradicional’ voltada a apresentar aos estudantes uma ‘história nacional’, através de fatos, nomes e datas. Segundo Manoel, as obras didáticas se pautavam na criação de um cidadão “republicano” (MANOEL, 2012, p. 11-24)⁵.

Uma nova visão sobre a guerra apareceria somente na segunda metade do século XX. Novos historiadores e historiadoras se voltaram ao passado e deram novas vozes aos sujeitos históricos. Em especial, esta nova abordagem da historiografia, pautou-se em buscar trazer à tona novos protagonistas desta guerra, ressignificando o novo fazer historiográfico.

⁵ Inúmeras foram as obras didáticas produzidas ao longo das primeiras décadas do século XX, onde grande parte destas foram organizadas por profissionais ligados a duas importantes instituições deste período, o tradicional colégio carioca D. Pedro II, e o Instituto Histórico Geográfico – IHGB, estas obras estiveram à disposição de instituições de ensino espalhadas por todo o país. A exemplo, podemos observar no acervo do Centro de Documentação e Memória – CEDOC/I –, da Universidade do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO, situada no interior do mesmo estado, uma infinidade de livros didáticos, entre estas obras destacamos os títulos de História Geral do Brasil, História Geral da América, que trazem a temática da Guerra, todas estas obras, atualmente disponíveis para pesquisa no CEDOC/I, pertenciam a estudantes dos colégios na região. Ver melhor em: VALTER; DORÉ; PEREIRA, 2017, p. 17.

A “Nova” Guerra do Paraguai: das influências inglesas a queda de uma grande nação.

Por muito tempo os discursos acerca da guerra, seja de historiadores e intelectuais brasileiros, se voltaram apenas aos discursos memorialistas e patrióticos. A principal fonte utilizada por estes, ao longo da primeira metade do século XX, foram as produções realizadas ao longo do confronto e no pós-guerra.

Porém, já na segunda metade dos novecentos, podemos observar uma nova corrente de historiadores com uma nova perspectiva a respeito da guerra. Tais estudos se pautavam em desconstruir os chamados ‘mitos’ desta guerra, em especial, quebrar com as visões a respeito da ‘ditadura’ de Solano López. Mas como propõem Salles, “ao tentar desconstruir mitos criados pela historiografia precedente, a historiografia revisionista findou por criar novos mitos, como o suposto desenvolvimento paraguaio do pré-guerra” (SALLES, 2015, p. 32).

Esta nova corrente historiográfica, ‘revisionista’, se pauta em realizar uma análise um tanto crítica das produções de até então, destacamos obras clássicas desta corrente, como do historiador argentino León Pomer, que publicaria em meados da década de 1960 a obra *La Guerra del Paraguay – Gran Negócio!*, que seria traduzido para o português em 1980, com o título “A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rio-platense”. Esta nova abordagem historiográfica traz ‘luz’ à um acontecimento até então encoberto e manipulado pelos discursos, seja da ideologia do império nas décadas finais do século XIX, bem como, pela visão memorialista e patriótica dos intelectuais positivistas ao logo da primeira metade do século XX (MOTA, 1995).

A obra de Pomer pode ser considerada como um marco desta nova corrente, pois nos apresenta uma nova visão crítica a respeito da Guerra do Paraguai, através de sua análise crítica a respeito das obras então publicadas. Como bem observado por Salles, o historiador argentino busca analisar questões sobre o prisma da influência do capitalismo internacional, com destaque para o imperialismo britânico na América Latina, bem como, a influência das elites locais no desenrolar da guerra (SALLES, 2015, p. 34-35).

Destacamos ainda nesta corrente, as contribuições do jornalista brasileiro José Júlio Chiavenatto, que já nos anos finais da década de 1970, publicaria a obra “Genocídio Americano”; obra esta que seguiria a mesma linha do historiador argentino citado acima.

Sejam as obras de Chiavanetto, bem como as obras de Pomer, propõem uma nova visão sobre a guerra, possibilitando trazerem à tona novas problemáticas, sejam elas: a influência inglesa na guerra, o capitalismo, bem como, a visão de tragicidade ao conflito. A este olhar trágico, observamos que esteve estritamente ligado a esta nova corrente, que propunha a respeito do conflito se pautar em analisar as consequências da guerra, os milhares de mortos, as epidemias que assolaram grande parte dos soldados, os erros táticos que mataram muitos, bem como as táticas de ‘grandes’ generais brasileiros, tomados como ídolos ou heróis na corrente passada, táticas como o envenenamento de nascentes, causando a morte de milhares de soldados e civis (CHIAVENATTO, 1983).

Entre outros aspectos desta nova versão histórica, observamos o destaque da influência do capital inglês, como no próprio título da obra de Pomer, o autor traz a expressão *Gran Negócio!*, o historiador evidenciara, que a influência inglesa se deu tanto no campo dos investimentos da guerra, bem como, na justificação dela através de intelectuais ingleses. Seja o historiador argentino, bem como o jornalista brasileiro, ambos destacam, ainda, que a influência inglesa se deu através de seu apoio às elites locais, onde tal apoio oscilava entre uma oligarquia latifundiária e uma burguesia comercial. Em linhas gerais, estes autores nos apresentam que a influência inglesa buscava se articular e realizar parcerias com os grupos dominantes (AMAYO, 1995).

De fato, a participação inglesa neste confronto é inegável, como propõe esta nova corrente, mas como bem observa Salles (2015), ela peca ao resumir o confronto a tal influência, observando as elites locais como uma mera ‘extensão’ do imperialismo inglês na América. Nas palavras de Salles “apesar de destacar a atuação das elites locais, no desenrolar do conflito, Chiavenatto as apresenta assim, como os seus correspondentes governos, como fantoches dos desejos das elites imperialistas da Inglaterra [...]” (SALLES, 2015, p. 35).

Segundo o mesmo autor, é inegável os avanços desta corrente ‘revisionista’, pois esta contribuiu para quebrar com a visão acerca da guerra pautada nas narrativas memorialistas. Estas obras das décadas de 1960 até meados de 1980 serviriam de base para uma nova corrente historiográfica que traria novas discussões e análises na década de 1990, que segundo Doratiotto, se caracterizaria:

por pesquisas sólidas em fontes primárias, o que lhe permite concluir que as origens da guerra estão no próprio processo histórico regional; que o Paraguai

não constituía exemplo de modernidade econômica e social no período que antecedeu o conflito e, ainda, analisar criticamente os personagens que participaram do processo que levou ao enfrentamento armado, em lugar de robustecer mistificações (DORATIOTO, 2008, p. 8).

Uma visão um tanto atual: da queda dos mitos a exaltação de alguns, até então, excluídos

Do fim da guerra até meados dos anos 1980 mais de um século se passou, e uma infinidade de narrativas foram construídas, cada qual seguiu um modelo em seu tempo, seja para justificar, construir ou legitimar um discurso, proposto por seus autores, inseridos em seu tempo histórico.

Na segunda metade da década de 1980 e, ainda mais na década de 1990, uma infinidade de novos trabalhos passaram a ser produzidos trazendo uma nova visão a respeito da guerra. Estas novas visões são elaboradas por uma nova corrente que passa a florescer, o ‘neo-revisionismo’.

Essas novas abordagens, como bem observa Doratioto, ao qual faz parte dela, se pautou em destituir os antigos e os novos mitos acerca da guerra, como é caso das ilustrações e visões a respeito de Solano López, bem como quebrar os mitos construídos sobre a grande influência inglesa na guerra, ou sobre o autodesenvolvimento de nação paraguaia.

Esta nova corrente, diferente das demais, deu um grande destaque às fontes primárias, em especial, a documentação que, até então, estava sobre a posse apenas do exército brasileiro. Contudo, também se utilizam das obras produzidas ao longo das primeiras décadas do século XX, mas as analisam sobre o que poderíamos dizer de um “olhar de historiador”, ou seja, buscando interrogar tais obras, buscando compreender estas não como meras produções narrativas a respeito da guerra, mas sim, como discursos, em que trazem em suas entrelinhas representações do momento histórico de seus autores.

As novas perspectivas nos trazem novos sujeitos históricos, um novo olhar, pois até então a historiografia e as produções intelectuais se pautavam em analisar os motivos da guerra, os seus heróis e algozes, as relações políticas, econômicas e ideológicas. A corrente ‘neo-revisionista’, em muitas de suas obras, a partir da década de 1980/90, passou a destacar novos personagens como: a população, os escravos, o cotidiano, etc.

A participação dos escravos é tema central em inúmeros trabalhos acadêmicos, sejam teses, livros, dissertações e artigos. Por muito tempo estes sujeitos estiveram as margens da historiografia brasileira, portanto, nas abordagens desta nova corrente, estes sujeitos ganham espaço de destaque, em especial, tratando-se da composição do exército brasileiro que participou da guerra, pois boa parte deste foi composto por escravos.

Segundo André Amaral de Toral (1995), a participação dos negros na Guerra do Paraguai era denunciada pelos próprios paraguaios que, por meio dos jornais, denunciavam a participação de escravos como membros do exército brasileiro. Segundo o autor “os redatores dos jornais paraguaios da época tratavam de menosprezar o exército brasileiro com base no duvidoso argumento de que, por ser formados por negros, deveria ser de qualidade inferior” (TORAL, 1995, p. 287).

Orlando Bispo dos Santos (2014), ao analisar a participação de negros na composição do exército, observa que inicialmente o alistamento era obrigatório, o que causou uma certa resistência por parte dos mesmos, mas com adoção de uma nova estratégia utilizada pelo governo, estratégia esta que prometia aos negros a liberdade após o término da guerra, gerou um aumento significativo no alistamento (SANTOS, 2014, p. 99)⁶.

Parte das promessas do governo foram cumpridas. Muitos dos negros que participaram da guerra ganharam sua alforria, mas muitos não. As novas análises da guerra proporcionam a uma gigantesca parcela da população do XIX o seu direito a participar da história nacional. Como propõe Mota, aos poucos, os silêncios referentes à história de tal conflito vêm à tona.

Doratioto, ao evidenciar as contribuições desta nova corrente, propõe que:

A *Nueva* Historiografia [neo-revisionismo] emerge no contexto do fim das ditaduras no Cone Sul e, no plano mundial, do término da Guerra Fria. Esses acontecimentos levaram à abertura de arquivos; a maior liberdade acadêmica e à oxigenação ideológica, criando as condições para a ousadia intelectual por parte dos historiadores, que passaram a estudar novos objetos e questionar antigas interpretações que se apoiavam em precária base documental. Foi a redemocratização dos países que vivenciaram a Guerra do Paraguai que permitiu superar o revisionismo simplificador (DORATIOTO, 2008, s.p.).

⁶ A esta questão, sobre o alistamento, Chiavenato propõe em sua obra, *Genocídio Americano*, destaque ao alistamento forçado como única forma de alistamento. Segundo Francisca Carla Santos Ferrer, esta construção do alistamento forçado reduz as discussões acerca dos sujeitos que participarão do conflito, ou seja, segundo o mesmo autor este momento político era marcado também pelos sentimentos nacionalistas, além, é claro, dos privilégios que os alistamentos voluntários teriam, como é o caso da promessa de alforria. Ver melhor em: FERRER, 2014 p. 124-126.

São inúmeros os trabalhos que trazem uma nova visão a esta historiografia. Segundo Salles, estas novas perspectivas contribuem de forma significativa para quebra dos mitos construídos ao longo de mais de um século. Segundo o autor, muitos dos trabalhos desta corrente neo-revisionista, como é o caso dos estudos do consagrado historiador F. Doratioto, não desconsideram os avanços realizados entre as décadas de 1960 a meados de 1980. Segundo Salles “Doratioto, em sua desqualificação da historiografia revisionista, argumenta que esta segue uma perspectiva ideológica, militante. Deveríamos aqui destacar que não é somente a historiografia de esquerda que é militante, assim como nos faz entender Doratioto” (SALLES, 2015, p. 37).

Como bem observa o autor supracitado, e ao longo do mesmo trabalho, nos propusemos a compreender que as narrativas acerca da Guerra do Paraguai, estiveram diretamente ligadas ao contexto e às vivências de seus autores ao longo de suas vidas. Assim, compreendemos que tais narrativas estão carregadas de experiências, ou ideologias, seja a primeira geração que esteve ligada as narrativas de enaltecer a figura do imperador ou as do início do século, que em sua busca de concretizar o desejo nacionalista, trazem críticas ao que, anteriormente, era enaltecido.

Sejam as obras do início do século como as atuais, não podemos cair nas armadilhas de uma compreensão de neutralidade. A percepção de que os historiadores e intelectuais estão presos em seus respectivos tempos históricos acarreta a compreender que estes estão sobre influências de ideologias, ou quaisquer outros discursos.

Devemos ainda perceber que, após tantos trabalhos, muito se sabe sobre tal acontecimento, mas possivelmente novas visões virão com o passar dos anos, como o próprio autor neo-revisionista Fernando Doratioto, propôs, ao argumentar sobre as futuras publicações sobre tal tema, invocando o refrão de uma das músicas de Cazuza, célebre artista da música brasileira “Tuas ideias não correspondem aos fatos... O tempo não para...”.

Das visões oitocentistas às novas abordagens no final dos novecentos

Ao nos debruçarmos sobre este tema tão clássico para a historiografia brasileira, a Guerra do Paraguai, observamos que inúmeras foram as abordagens e visões desta guerra.

O presente trabalho teve por objetivo observar como a historiografia e intelectuais, sejam do pós-guerra, bem como da atualidade, analisaram tal acontecimento. Destacamos que as perspectivas sobre este ocorrido estiveram ligadas diretamente à temporalidade de seus narradores, onde ao se voltarem para a Guerra, deram a estas um novo sentido, podendo dar a uma classe, a uma instituição ou a alguns sujeitos históricos papéis de protagonismo.

Ao longo do final do século XIX até a contemporaneidade, intelectuais e historiadores variaram sua forma de observar a Guerra do Paraguai, onde cada uma das correntes apresentadas nesse artigo optou por um olhar sobre tal acontecimento, enfatizando, escondendo, manipulando ou tornando protagonistas certos sujeitos indivíduos.

Como bem observa Waldir José Rampinelli (2011), ao se tratar da Revolução Mexicana no início do século XX⁷, historiadores e intelectuais – como jornalistas, literatos etc. – de qualquer nação, se voltam ao passado com seus interesses atuais e constroem narrativas que atendam a tais interesses presentes.

Assim, ao longo do presente artigo pudemos sintetizar as principais visões acerca da chamada Guerra do Paraguai, visões de historiadores e intelectuais, que ao longo do último século e meio, construíram, legitimaram e reinventaram a Guerra do Paraguai, a Guerra da Tríplice Aliança ou a Grande Guerra.

Como nos propõe Fernando Doratioto (2008) e André Mendes Salles (2015) as narrativas históricas acerca deste acontecimento continuaram a ecoar sobre a historiografia brasileira, nas palavras de Salles.

O *neo-revisionismo* não é a última palavra acerca da Guerra do Paraguai. Nem poderia ser, pois com a mudança do tempo presente, o passado e o futuro também são rearticulados. Essa é a dinâmica historiográfica e os historiadores estarão sempre envolvidos na contínua tarefa de reescrever a História (SALLES, 2015, p. 39).

⁷ As análises acerca da Revolução Mexicana, assim como da Guerra do Paraguai, possuem diferentes análises e narrativas de intelectuais e historiadores desde seu desdobramento, a exatamente um século. Atualmente, inúmeros congressos e chamadas de revistas para a publicação de artigos possuem como tema central a Revolução Mexicana, as publicações destas trazem um novo olhar acerca deste acontecimento, seja através de fontes primárias da revolução, assim como através de releituras de inúmeras obras já publicadas no último século. Entre as visões de tal acontecimento, destacamos a visão que propõem os camponeses como protagonistas, tal visão pode ser bem observada na obra de Rampinelli, bem como em outros inúmeros textos da atualidade. Ver Melhor em RAMPINELLI, 2011, p. 90-107.

Referências

AMAYO, Enrique. *A Guerra do Paraguai em perspectiva histórica*. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 9, n. 24, mai/ago 1995, p. 255-258. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141995000200013>. Acesso em : 08/11/2017.

ARIAS NETO, JOSÉ MIGUEL. *A defesa na Imprensa Militar do século XIX: Brasil e Argentina*. In: IX ENABED - Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa, 2016, Florianópolis: **Anais do IX ABED**, 2016. v. 1. p. 1-11. Disponível em: http://www.enabed2016.abedef.org/resources/anais/3/1466374207_ARQUIVO_Adefesa_nalImprensaMilitar.pdf. Acesso em: 04/11/2017.

ARIAS NETO, José Miguel. *A imprensa militar e as ressignificações da Batalha Naval do Riachuelo na memória e na História*. In: Pensando a Guerra do Paraguai em seus 150 anos. UFMGS: **Anais do III Encontro do Grupo de Pesquisa Historiografia e Ensino de História (HEH)**, 2016.

ARIAS NETO, José Miguel; GARCIA, Gabriel Ignacio. *A imprensa como soldado da Tríplice Aliança e do Paraguai: guerra total e desumanização do inimigo*. In: Ana Paula Squinelo. (Org.). **150 anos após A guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai**. Campo Grande: Editora UFMS, ed. 1, v. 1, 2016, p. 251-273.

CASTRO, Isis Pimentel de. *Pintura, Memória e História: a pintura histórica e a construção de uma memória nacional*. **Rev. de Ciências Humanas**, Florianópolis: EDUFSC, n. 38., p. 335-352, 2005.

CHIAVENATTO, Júlio José. **Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai**. São Paulo: Editora Brasiliense, ed. 18, 1983.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. *Coleção de livros didáticos e literários*. In: MARTINS; V.; DORÉ, M. E.; PEREIRA; B. C. **Guia de Fundos e Coleções**. Irati: UNICENTRO/CEDOC-I, 2017, p. 17.

DORATIOTO, Francisco. *História e ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai*. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Buenos Aires: Museu Histórico Nacional da Argentina, 2008. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/49012>. Acesso em: 05/11/2017.

FERRER, Francisca Carla Santos. **O recrutamento militar na Guerra do Paraguai: Voluntariado e Coerção**. Porto Alegre: PUC Rio Grande do Sul – PPGH Sociedades Ibero-Americanas (Dissertação de Mestrado), 2004. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp020547.pdf>. Acesso em: 04/11/2017.

GARCIA, Gabriel Ignacio; RIBEIRO, Edméia. *As representações da Guerra do Paraguai por meio do periódico "Paraguay Ilustrado" (1865)*. In: XIº Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas. Maringá: **Anais do XIº SPCH**, v. 2, n. 4, 2016, p. 70-80. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/ARTIGOSANAIS_SEPECH/gabrielgarcia.pdf. Acesso em: 05/11/2017.

LESSA, Carlos. *Nação e Nacionalismo a partir da experiência brasileira*. **Estudos Avançados**, v. 22, 2008, p. 237-256. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v22n62/a16v2262.pdf>. Acesso em: 05/11/2017.

MANOEL, Ivan A. *O Ensino de História no Brasil: do Colégio Pedro II aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. **Conteúdos e Didática de História**, UNESP, 2012, p. 1 – 24. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/46194/1/01d21t11.pdf>. Acesso em: 07/11/2017.

MOTA, Carlos Guilherme. *História de um silêncio: a guerra contra o Paraguai (1864-1870) 130 anos depois*. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 9, n. 24, mai/ago 1995 p. 243-254. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141995000200012>. Acesso em: 07/11/2017.

PEREIRA, Bruno César; GILLIES, Ana Maria Rufino. *Literatura, Arte e História no Brasil Imperial*. **Sobre Ontens**, v. 2, 2017, p. 1 -17. Disponível em: <http://revistasobreontens.blogspot.com.br/p/edicao-sobre-ontens.html>. Acesso em: 05/11/2017.

POMER, León. **A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rio-platense**. Tradução Yara Peres. São Paulo: Global, 1980.

RAMOS, P. S. **Vozes do Império: Estados Unidos e Argentina no debate político da imprensa brasileira (1875-1889)**. Assis: UNESP – Faculdade de Ciências e Letras (Dissertação de Mestrado em História), 2013. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93383/ramos_ps_me_assis.pdf?sequence=1. Acesso em: 08/11/2017.

RAMPINELLI, Waldir José. *A Revolução Mexicana: seu alcance regional, precursores, a luta de classes, e a relação com os povos originários*. **Revista Espaço Acadêmico, Maringá**: UEM, v. 126. Nov/2011, p. 90-107.

SANTOS, Orlando Bispo dos. *Alistamento de escravos negros no exército brasileiro: Guerra do Paraguai (1864-1870)*. In: III Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Salvador-BA: **Anais do III CONINTER**, v. 9, 2014, p. 96-108. Disponível em: <http://aninter.com.br/Anais%20CONINTER%203/GT%2009/08.%20SANTOS.pdf>. Acesso em: 07/11/2017.

SALLES, André Mendes. *A Guerra do Paraguai na historiografia brasileira: algumas considerações*. **Cadernos do Aplicação**. Porto Alegre: v. 27-28, jan.-dez. 2014/2015, p. 29-41. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/viewFile/49957/38164>. Acesso em: 05/11/2017.

TORAL, André Amaral de. *A participação dos negros escravos na guerra do Paraguai*. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 9, n. 24, mai/ago 1995, p. 287-296. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141995000200015>. Acesso em: 08/11/2017.

Bruno César Pereira

Graduado em História pela Universidade do Centro Oeste do Paraná - UNICENTRO, *Campus Irati*; participou, na categoria pesquisador, do Núcleo de História da Violência, coordenado pelos professores Drs. Hélio Sochodolak e Valter Martins; atualmente é integrante nos Projetos de Pesquisa "Preservação de Acervos do Poder Judiciário da região Centro-Sul do Paraná" e "Café & Memória", ambos coordenados pelo Centro de Documentação e Memória de Irati - CEDOC/I.

Jaqueline Kotlinski

Graduada em História pela Universidade do Centro Oeste do Paraná – UNICENTRO, *Campus Irati*; participa na categoria pesquisadora dos Núcleos de História da Violência – NUHVI, coordenado pelos professores Drs. Hélio Sochodolak e Valter Martins e Núcleo de Estudos Étnicos Raciais – NEER, coordenado pelo professor Dr. Danilo Fonseca, atualmente é bolsista pelo programa de Iniciação Científica, financiado pela Fundação Araucária e participa do projeto de extensão "Café & Memória", ambos coordenados pelo Centro de Documentação e Memória de Irati - CEDOC/I.

Oseias de Oliveira

É graduado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1995) e defendeu o doutorado direto em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), em 2003 com a tese "Índios e Jesuítas no Guairá: a redução como espaço de reinterpretação cultural (século XVII). Integra o corpo docente do Departamento do curso de Licenciatura em História - UNICENTRO-Irati. Também é Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em História e Regiões da UNICENTRO.
